

A VELHICE NO DISCURSO: FALAR POR SI OU SER FALADO PELO OUTRO?

OLD AGEON SPEECH: SPEAK BY YOURSELF OR BE SPOKEN BY THE OTHER?

ELIZAMA FRANCIANE DA COSTA^{1*}

1. Graduada em Psicologia, Universidade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC. Especialista em Políticas Públicas, Gestão e Serviços Sociais pela Universidade Candido Mendes – UCAM do Rio de Janeiro.

* Rua Maestro Francisco Moreno, 72, Aracitaba, Minas Gerais, Brasil. CEP: 36255-000. elizamafran@gmail.com

Recebido em 01/02/2017. Aceito para publicação em 15/03/2017

RESUMO

Discutir sobre velhice e envelhecimento em uma sociedade capitalista e consumista, que prioriza o novo e a aparência é, sem dúvida, um grande desafio. Existem idosos que buscam atuar mesmo depois da aposentadoria, continuar consumindo ativamente dentro da sociedade. Trabalham e, às vezes, até estudam, o que demonstra uma contradição na sociedade tradicional, embora esta faixa etária em atividade represente uma pequena parte da população. Assim, o presente trabalho visou a uma discussão embasada na teoria psicanalítica para enfatizar o sujeito na velhice e abranger as problemáticas vivenciadas por esta população. Para se ter uma velhice saudável, esses indivíduos necessitam conviver na sociedade. Se o corpo, com o passar dos anos, envelhece, a alma não envelhece, ou seja, a subjetividade do sujeito do inconsciente não envelhece. Para que o idoso não perca seu papel dentro da sociedade e viva com satisfação, é indispensável que ele seja tratado como homem de direitos e deveres. É de grande valor que o sujeito na velhice possa dar um novo sentido e um novo significado, para sua vida. Cada idoso é capaz de construir sua própria velhice em seu jeito singular.

PALAVRAS-CHAVE: Velhice, sociedade, inconsciente, subjetividade,

ABSTRACT

Discuss about old age and aging in a capitalist and consumerist society – that prioritizes new appearance – is, undoubtedly a challenge. There are elderly people who seek work even after retirement, continue actively consuming within society. Work and, sometimes, even study, which shows a contradiction in traditional society, although this age group in activity represents a small part of the population. Thus, the present work aimed at an informed discussion on psychoanalytic theory to emphasize the subject in old age and cover problems experienced by this population. To have a healthy old age, the soul doesn't age – the subjectivity of the subject of the unconscious doesn't age. So, that the elderly don't waste your role in society and live with satisfaction, it's essential that it be treated as a man of rights and duties. It's of great value that the subject in old age can give a new direction and new meaning to his life. Each senior is able to build their own old age in his unique way.

KEYWORDS: Old age, society, unconscious, subjectivity.

1. INTRODUÇÃO

Em meio à sociedade hedonista, cuja busca pela perpetuação da juventude organiza e dirige as ações midiáticas e mercadológicas, há que se pensar na velhice. Envelhecem as pessoas e seus sonhos, envelhece sua forma de ver o mundo. O envelhecimento é um processo e a velhice é apenas um momento desse processo – uma etapa da vida, como a infância, a adolescência e a idade adulta.

Nesta perspectiva, o envelhecimento é um processo natural do desenvolvimento que se inicia com o nascimento. Sendo assim, a velhice é compreendida como uma das etapas do envelhecimento¹. A velhice, pois, mostra a posição do sujeito: ao ingressar na velhice, o idoso não é mais visto pela sociedade e não se sente objeto de desejo do outro. O apanágio da velhice se instaura nas formas como o idoso se vê, como ele se percebe e como é percebido pelo outro².

Por ser um processo, o envelhecimento é irreversível e produz no corpo as marcas visíveis. Cada idoso é capaz de construir sua própria velhice de seu jeito singular. A velhice é um estado, ao passo que o envelhecimento é um processo que tem significado de movimento contínuo de subjetivação, desse modo, sua característica é ser constante e inacabado.

Na atualidade, a população idosa é a que mais tem crescido no nosso país, devido à baixa taxa de natalidade e à baixa taxa de mortalidade³. A melhoria das condições de saúde e da expectativa de vida contribuíram significativamente para o crescimento da população de idosos. É preciso que esses sujeitos saibam como lidar com questões além das perdas funcionais, pois advém também a perda do próprio corpo e de sua imagem que, na sociedade atual, é tão valorizada. Sob esta ótica, Kamkhagi (2008)⁴ relata que a imagem e tudo aquilo que se refere à velhice é negada e evitada, de sorte que a sociedade busca cada vez mais formas de permanecer jovem.

É imprescindível ter o conhecimento de que a velhice reflete uma problemática social e como os estes sujeitos sofrem descaso, desamparo e preconceitos na sociedade moderna.

2. MATERIAL E MÉTODOS

A metodologia utilizada é baseada na compreensão dos aspectos da velhice e do envelhecimento dentro da sociedade moderna. Trata-se de uma pesquisa exploratória, descritiva e bibliográfica. Utiliza uma revisão bibliográfica sistemática e qualitativa. Desta forma, iremos entender a noção de envelhecimento como condição humana. Também daremos uma contribuição para que haja uma sociedade mais consciente com relação à velhice e ao cidadão idoso. Para a realização deste estudo, foi adotado um critério de referir, citar e mesmo reproduzir ideias de partes de livros e artigos de autores que se fizeram pertinentes e esclarecedoras para um melhor entendimento sobre o tema. Logo, apresentaremos um saber crítico, sistematizado e reflexivo a respeito da velhice na sociedade capitalista.

3. DESENVOLVIMENTO

A imagem da velhice como espelho despedaçado

O envelhecimento não possui o mesmo significado de velhice. O envelhecimento é um processo, a velhice é um momento deste processo de envelhecimento, ou seja, uma etapa assim como a infância, a adolescência e a fase adulta. A velhice é considerada a última etapa deste ciclo que se chama vida. De acordo com Beauvoir (1986)⁵, a velhice se constitui como o alongamento e a consequência de um processo.

A velhice começaria por volta dos 60 anos (enfatizamos que esta concepção de idade pode variar e, em algumas considerações, a velhice iniciaria aos 65 anos) porém, cada sujeito terá uma construção de velhice de um jeito⁶.

De toda forma, o envelhecimento é irreversível. Além do mais, o envelhecimento é produzido pelo tempo e suas marcas são vistas pelos outros². A velhice se dá no real do corpo, sendo impossível nomeá-la. A partir desse momento, o real é aquilo que não se pode representar nem por palavras nem por imagens; não pode ser tocado, apresentando sua incidência no sujeito, faltando-lhe uma representação psíquica. Goldfarb (1998)⁷ assim esclarece a velhice no contexto do real: “parece-me que a velhice, como alguma coisa da ordem do diabólico, não pode ser nomeada sem provocar medo e rejeição”.

Predomina na sociedade a cultura do jovem, com o seu padrão de beleza e o idoso fica excluído, pois tem cabelos brancos, rugas e pele flácida, o que está fora dos ideais de jovialidade. A imagem do idoso é a perda da imagem ideal, pois causa estranheza e aflição. Neste caso, para continuar vivendo e estar dentro dos ideais da sociedade, o idoso deveria renunciar ao seu desejo⁸.

No entanto, o inconsciente não envelhece, não tem noção de tempo, nem de certeza e nem negação; sendo assim, o sujeito não envelhece⁶. O inconsciente é imutável, atemporal, sendo assim, Bianchi (1993)⁹

menciona que “o tempo – a velhice – não muda a estrutura”. Além do mais, não reconhecemos a velhice em nós, somente nos outros. Nas palavras de Messy (1999)² “velho é o outro” e Beauvoir (1986)⁵ menciona que o adulto tem um comportamento como se nunca fosse ficar velho e que isto só ocorreria aos outros.

Conforme Mucida (2009)⁶ existe um corpo que envelhece e que faz laço com a mente, que jamais envelhece. O que acarreta uma dificuldade em aceitar a velhice. O corpo a cada dia que passa envelhece, enfraquece e desgasta-se; o inconsciente em contrapartida, não envelhece. Porém, a mente vive e percebe o envelhecimento do corpo. A velhice consiste em um estado de subjetivação e, com a passagem do tempo, existe um sujeito envelhecendo a seu modo⁶.

A velhice surge de forma inesperada, não é bom e nem belo envelhecer, principalmente porque o nosso inconsciente não conhece a noção de velhice. O inconsciente se sente jovem, a libido circula, pois o desejo não tem idade. A partir das referências de Beauvoir (1986)⁵, aprendemos que a idade chega de surpresa, há um obscuro sentimento de injustiça, que é traduzido com revoltas e de rejeições. Neste contexto, a velhice traz consigo características de perda, inutilidade, desprezo, de decrepitude e de fim da vida.

Lacan nos ensinou a respeito do estádio do espelho, no qual a criança, “a partir do ego ideal, forma primordial, que o ego se constitui por um processo de identificações com outro semelhante”². Após este momento, a criança passa a se reconhecer, antes ela pensava que mãe e ela eram um só, a mesma extensão de seu corpo. Em vista disso, Messy (1999)² aborda que a criança não diferencia a realidade externa quando nasce. Assim, a mãe é extensão dela igual ao seio ou à chupeta.

Neste processo do estádio do espelho, que ocorre entre seis meses a um ano, a criança passa a reconhecer sua imagem no espelho, ocorre um júbilo por vivenciar esse momento, permitindo a identificação; ou seja, “este espelho, então, não é mais que o olhar da mãe, ou seja, certa imago pré-existente no desejo materno com relação a esse filho”⁷. Com base na autora citada, é o olhar da mãe que, ao vê-la, traz determinados atributos com os quais a criança se identifica. Chamamos essa imagem corporal de eu-ideal, a criança está no narcisismo primário, tudo é voltado para ela. O estádio do espelho permite à criança se enxergar não como pedaços, mas como um sujeito. Contudo, diz Mucida (2006)⁸ que o estádio do espelho consiste em uma identificação a mudança pela qual o sujeito passa faz com que adote uma imagem.

A partir disto, é possível entender que o eu-ideal é o outro como imagem com valor cativante, ou seja, prevalece uma relação dual com o outro. Para melhor compreendermos eu-ideal, cumpre um retorno às concepções infantis: a mãe e a criança são um só. A criança, após passar pelo processo de identificação, terá a formação do ideal do eu. Aqui é o outro como falante, essa etapa ocorre com a perda da mãe e a entrada no social ocorrendo uma relação tríade, pois, inclui a

palavra como mediadora. No ideal do eu, a criança percebe que o outro é diferente e separado dela. Esta percepção da imagem e separação da criança é um prazer, a imagem é satisfatória. Ao contrário, ao chegar na fase da velhice, essa imagem de ideal do eu é perdida e a nova imagem adquirida com o tempo é insuportável para o velho e gera grande desprazer, produzindo um furo na imagem do ideal de perfeição trazido pela juventude. Em conformidade com esta temática abordada, Mucida (2006)⁸ enfatiza que “nessa direção, a velhice torna-se uma das faces do mal-estar da cultura; advém, como salientado, fazendo furo ao encontro prometido com o objeto”.

Embora o corpo que a criança recebe lhe dê prazer e satisfação, prevalecendo alegria e júbilo, na velhice não é assim, o que explica um espelho quebrado, desfragmentado e destruído. O espelho se quebra porque essa nova imagem adquirida na velhice não é agradável, não traz nenhuma satisfação para o idoso, o corpo começa a se desfragmentar (perda da força, dos cabelos, dos dentes e da elasticidade da pele), o corpo começa a se enfraquecer e a aproximar-se da morte. Ao tomar um rumo em direção à decrepitude, a realmente se acabar, o que vem caracterizar a imagem da velhice como um espelho despedaçado, o velho não possui uma imagem desejada por aqueles que o observam e nem por ele mesmo.

Assim, o espelho refere-se ao olhar do outro, neste caso, predomina o olhar de desejo ou de repulsa. Tudo isso é vivido no dia-a-dia, seja em gestos, palavras e atitudes que também são encarregados de induzir mudanças. Quando esse espelho é positivo, é considerado como um anunciador de ideal. No entanto, no envelhecimento, com a quebra do espelho, torna-se negativo, é um momento de perdas e declínio físico, que trará consigo a velhice. Nesta vertente, Goldfarb (1998)⁷ diz que o idoso, ao olhar no espelho, vê devolvida uma imagem de declínio e decrepitude, uma imagem com a qual ele não se identifica. A imagem do idoso não é mais idealizada como antes, perdeu o ideal de perfeição, quebrou-se o espelho.

Deste modo, a velhice se reproduz socialmente como o fim da vida; porém, envelhecer não é só acabar. Portanto, na velhice há vida. É necessário refletir e criticar a posição do idoso na sociedade atual, para que tenha uma velhice bem-sucedida, apesar das perdas inevitáveis do envelhecimento. É preciso entender qual é o lugar do sujeito na sociedade, seja qual for sua idade. Conforme enfatiza Mucida (2009)⁶, a velhice não traz em cena outro sujeito.

Os quatros Discursos de Lacan: algumas considerações

Lacan (1992)¹⁰, no seminário 17 (o avesso da Psicanálise) propõe os quatros discursos demonstrados em matemas: primeiro, o do mestre ou discurso de mestria; o segundo, da histórica; o terceiro, do analista e o quarto, o discurso universitário ou do saber. Estes correspondem à intermediação entre o simbólico e o real, ou seja, o papel da fantasia na estrutura psíquica.

Dessa forma, segundo Costa-Rosa (2013)¹¹, Lacan propõem os discursos baseado na análise das diferentes formas de funcionamento do gozo nas relações sociais e subjetivas.

Os quatro lugares que estes personagens do discurso ocupam são conhecidos como: primeiro do sujeito (agente), segundo da verdade, terceiro do outro e quarto da produção. Em cada discurso, cada elemento, ocupa um lugar distinto¹². Na realidade, todo discurso começa a partir de um agente, o qual é movido pela sua relação com a verdade, quando dirigindo ao outro, tem o objetivo de realizar uma produção.

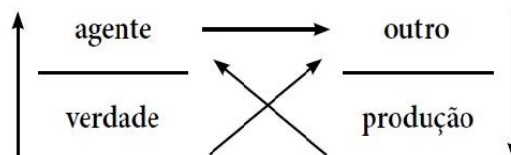


Figura 1. O Discurso respeita uma posição espacial em dois níveis: o das posições (agente, outro, produção e verdade) e as dos termos (mestre, histeria, analista e universidade). As posições são permanentes. **Fonte:** Coelho, 2006¹³.

Nesta vertente, existem também quatro elementos que ocupam sua função nesse discurso, a saber: a = objeto a (falta); \$ = sujeito faltante (desejante); S₁ = significante-mestre do sujeito e S₂ = o saber. Assim, nos discursos, cada par é separado por uma barra, designada por barra do recalque. Por conseguinte, dentro do discurso, existem dois campos: o do sujeito que é constituído pela fala de produção de sentidos e o campo do Outro.

É importante ressaltar que, para Lacan, nenhum discurso se sustenta por muito tempo¹¹. Dito de outra maneira, dentro de um vínculo social, a estrutura de um discurso supõe um agente que parte de alguém em direção ao Outro, fazendo uma verdade que condiciona uma produção¹⁴.

Enfatizaremos agora como é formado cada discurso, começando pelo Discurso do mestre.

O Discurso do mestre (senhor) parte sempre de um significante-mestre. Assim sendo, temos:

$$\begin{array}{ccc} \text{Discurso do senhor} & & \\ \hline S_1 & \longrightarrow & S_2 \\ \hline \$ & // & a \end{array}$$

Figura 2. Escrita dos laços sociais, o Discurso do Mestre. **Fonte:** Costa-Rosa, 2013¹¹.

Por esta forma, o discurso do mestre pode ser entendido de duas maneiras. Na primeira, o mestre fala a partir um significante-mestre (S₁); porém, a sua condição de sujeito desejante (\$) fica recalçada. Para que seja produzida uma verdade no campo do Outro (S₂) é necessário que a falta (a) fique recalçada. Na segunda maneira, para se compreender é necessário realizar um giro temos que o significante-mestre (S₁) aciona um saber (S₂) que produz a falta (a) no campo

do Outro, sendo que a verdade é um sujeito barrado (\$). Para uma melhor compreensão do discurso do mestre, apresentamos um breve resumo:

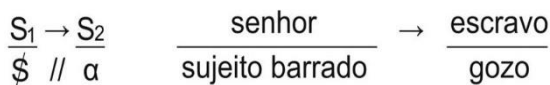


Figura 3. Notamos que neste discurso, o mestre é um sujeito castrado, ora ele não possui o conhecimento de todas as coisas, logo é um sujeito faltante (\$). **Fonte:** Neto, 2014¹⁵.

De acordo com a figura acima, Neto (2014)¹⁵ acentua que:

“o mestre tenta sustentar-se no mito ultrarreduzido de ser igual ao seu próprio significante. S₂ (o saber) aparece como o “escravo”. O que se produz nessa relação é gozo. É disso que Lacan fala ao notar a facilidade de gozo do escravo. A verdade do mestre é que ele é castrado. O escravo tem algum saber sobre a castração do senhor, pois (\$) o no lugar da verdade mostra que não existe essa identidade ôntica, que o sujeito não é unívoco, mas dividido”.

O discurso do histérico, ou do sujeito desejante, podemos dizer que está relacionado a tudo que está na sociedade. Lacan denominou discurso da Histeria ou discurso do inconsciente¹¹. Nesta perspectiva:

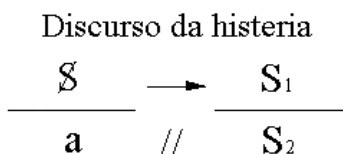


Figura 4 Escritura dos laços sociais, o Discurso da histeria. **Fonte:** Costa-Rosa, 2013¹¹.

Observamos que no discurso da histeria, o sujeito desejante (\$) para falar mantém sobre a barra sua falta (a). O significante-mestre (S₁), mantém sobre o recalque o saber (S₂). De outra forma diríamos, o sujeito desejante (\$) aciona no campo do Outro um significante-mestre (S₁), a fim de produzir um saber (S₂); logo, a verdade é uma falta (a).

Lacan se espelhou no Nome – do – Pai para introduzir o conceito de sujeito desejante, faltoso. Compreendemos que a criança quando nasce sente-se plena, ela é tudo para a mãe (relação simbiótica). Ela aqui não é barrada, não se inscreveu a falta ainda; a criança é completa (S). O pai chega proibindo, separando a relação simbiótica. Quando o pai diz não para o vínculo entre a criança e a mãe, ele produz uma falta, tornando-a um sujeito desejante (\$) – coloca a Lei. A criança vai procurar outros significantes para substituir essa perda do objeto de amor. O sujeito viverá em uma busca constante, tentando alcançar a plenitude perdida. De fato, o que sabemos é que nunca mais se encontra esse objeto, surgindo a falta (a) que se torna um buraco.

O discurso do analista é também o discurso da falta, notamos que o analista é o sujeito – suposto – saber. Observemos o esquema abaixo:

Discurso do analista

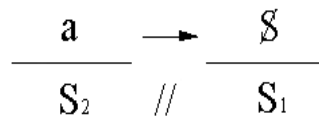


Figura 5. Estrutura dos laços sociais, o Discurso do analista. **Fonte:** Costa-Rosa, 2013¹¹.

O discurso do analista começa a partir de uma falta (a), conforme visto. Ao analisarmos em blocos, temos: o discurso do analista parte de uma falta (a), mantendo sobre o recalque o saber (S₂), ele não sabe, ocupa o lugar do suposto – saber. No campo do Outro está o sujeito barrado (\$), que mantém recalcado o significante-mestre (S₁). Se girarmos, poderemos entender da seguinte forma: o analista (a) aciona a falta no campo do Outro, o sujeito barrado (\$), a fim de produzir um significante-mestre (S₁), cuja verdade é um saber (S₂)¹⁶. Relevante ao aspecto dessa questão, Neto (2014)¹⁵, esclarece que:

“o analista não responde a partir da posição de mestre, daquele que sabe, mas da posição de não-saber que lhe é própria. Ele ocupa, na aparência, o lugar de objeto de desejo, a partir do qual é possível a associação livre. O saber (S₂), ao estar no lugar da verdade, é um enigma”.

Por sua vez, o discurso do universitário, ou discurso do saber:

Discurso da universidade

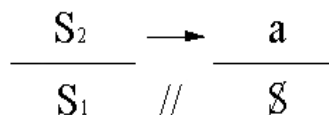


Figura 6. Estrutura dos laços sociais, o Discurso do universitário. **Fonte:** Costa-Rosa, 2013¹¹.

Nesta concepção, seguindo a mesma linha de pensamento, o discurso universitário consiste em que, para falar do saber (S₂), recalca o significante-mestre (S₁), pois existem então vários saberes. Por seu lado, o Outro (a), por ser faltante, recalca sua condição de sujeito desejante (\$). Ao girarmos, temos que todo saber (S₂) aciona no campo do Outro uma falta (a), produzindo um sujeito desejante (\$); a verdade é um significante-mestre (S₁). Ao discursar, a universidade fala de um saber científico, uma ciência. Uma fala de tal forma organizada que é capaz de interpelar o outro como faltante, ou seja, é capaz de evidenciar a falta no outro. Ora, quando se vê faltoso, ele passa a ser também desejante. Desejante de encontrar um significante-mestre capaz de organizar o seu saber.

Alberti (2009)¹⁴ argumenta que cada discurso estabelece um tipo de laço social, pois “permitem que se articule alguma coisa na relação de um sujeito com o outro para que se produza algo dessa relação”. Na

concepção de Coelho (2006)¹³ menciona que “a teoria dos discursos nos mostra que a psicanálise é a possibilidade de o sujeito mudar de posição frente ao Outro, recuperar sua dignidade e ser infinitamente diferente do que é”.

A velhice no Discurso Capitalista

Agora, podemos melhor retratar sobre a velhice com base na teoria dos discursos, que é o Discurso Capitalista. Costa-Rosa (2013)¹¹ detalha que “a face do Discurso Capitalista passará a ser nomeada como sociedade do consumo, sociedade do gozo ou sociedade do objeto”. A partir disto, abordaremos como as pessoas são incompletas e infelizes buscando sempre satisfação dentro deste discurso na sociedade atual, propriamente do consumismo. O mercado consiste em promessas e ilusões, como novas formas de gozar.

Está claro que, dentro do Discurso Capitalista está a sociedade de consumidores que desejam incessantemente ter uma vida feliz e cheia de prazeres¹⁷. O que prevalece aqui é uma exacerbação do consumo, através de uma forma de gozar constante. Vivem somente por uma sensação de bem-estar. Vejamos o matema proposto por Lacan:

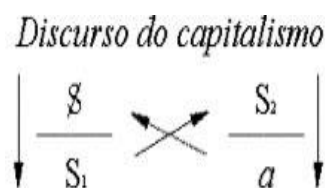


Figura 7. Discurso Capitalista. **Fonte:** CASTRO, 2009¹⁶.

No que concerne ao Discurso do Capitalista, pode ser explicitado como: (a) que é o mais-gozar (falta). Começando pelo (a) objeto de mercadoria, que causa o desejo do sujeito (§). Aqui neste discurso é este objeto que o sustenta. O objeto é a mercadoria¹⁶. O significante-mestre (S_1) aciona um saber (S_2) da mercadoria. O (S_2) que conhecemos como saber é transformado em mercadoria, o poder é de saber vender e de comprar, além de divulgar a informação. Desta forma, o sujeito barrado (§) produz o significante-mestre (S_1) como o desejo, aquilo que é preciso e necessário consumir. Quando o significante-mestre aciona um saber (S_2) da mercadoria, o que vigora é o apagamento do sujeito diante da mercadoria. As relações são mediadas não mais pelo ser, pelo que a pessoa realmente é, mas pelo ter, possuir mercadoria e o poder de trocá-las. Completando tais considerações, temos ainda que

“no Discurso Capitalista, o saber do trabalhador está, como no discurso do Mestre, reduzido à condição de trabalho que gera mais gozar-gozar – em lucro para o capitalista e em forma de mais-gozar da mercadoria (S_2/a) para o consumidor – porém, com a diferença de o sujeito está colocado como dominante, diante da cena do consumo¹⁶”.

Nestas condições, na sociedade do consumismo as pessoas têm horror em envelhecer. Envelhecer é sinônimo de tristeza e insatisfação dentro dessa sociedade. A expansão do capital gira em torno de supostamente viver com qualidade de vida, viver bem, sempre consumindo, alegre, satisfeito, suprimindo, através das mercadorias, todas as necessidades e os desejos. É oportuno informar que o que realmente importa é a individualidade e a competitividade. A sociedade capitalista consumista traz essa promessa de felicidade. A partir das formalizações de Bolguese (2012)¹⁸ é possível compreender melhor que a “beleza e juventude são oferecidos como produtos facilmente acessíveis. São promessas, muitas promessas. Os ideais de qualidade de vida e de saúde estão irreversivelmente atrelados às metas narcísicas de aparência, beleza e juventude”.

Prevalece à necessidade de viver completamente, e que é necessário consumir constantemente, sendo proibido envelhecer e inaceitável morrer¹⁸. A velhice está na contramão da sociedade consumista e da aparência, quando se considera que a maioria dos idosos não consegue seguir esse padrão de vida imposto pelo consumismo.

Em outras palavras, grande parte dos idosos na sociedade consumista está fora do mercado de trabalho e do consumismo. O idoso se tornou um desatualizado àquilo que a sociedade atual valoriza, o que ele sabe já não importa, ficando à mercê do desamparo e do descaso. O idoso então se vê sem alternativas para exercer a sua subjetividade vivendo nessa sociedade. No entanto, há idosos que consomem insensatamente na sociedade consumista. Esses idosos consomem viagens, produtos de estética e, para ter qualidade de vida, dentaduras, laxantes, vestuários etc. Movidos pelo desejo de consumir constantemente os idosos adquirem cada vez mais produtos para se satisfazerem.

Segundo Buaes (2008)¹⁹, é a mídia que tem aumentado a produção de desejos nos sujeitos. A subjetividade das pessoas é modelada, o sujeito torna-se desejante e é capturado emocionalmente se identificando com os produtos ofertados¹⁹. Nesta vertente, através do crédito consignado pode-se consumir à vontade de forma fácil e em instantes.

Buaes (2008)¹⁹ também enfatiza os *folders* que são para chamar o público idoso, como o da Caixa Econômica Federal com a imagem de dois casais idosos sorrindo. Transmitindo confiança, segurança e alegria para conseguir o crédito consignado, o qual produz no idoso, significado para investir nessas propagandas levando ao consumo antecipado e fora da realidade¹⁹. De acordo com Buaes (2008)¹⁹, o crédito consignado pode servir como um meio de inclusão social, desde que o sujeito saiba controlar o seu uso para não se endividar.

Antes, todavia, a sociedade era capitalista de produção, ou seja, as pessoas trabalhavam e tinham dedicação pelo trabalho, sua meta era a produtividade, para somente depois, suprirem seus desejos. Na atualidade, a sociedade é capitalista consumista e os

desejos devem ser satisfeitos no tempo imediatamente presente.

Bauman (2008)¹⁷ esclarece como a sociedade da contemporaneidade vive somente em favor do consumismo. Todavia, a mercadoria deve ser atraente e desejável e a mercadoria deve trazer a promessa de satisfazer os desejos dos consumidores. Por conseguinte, o capitalismo faz com que haja a eliminação do sujeito em sua singularidade.

No que concerne à sociedade de consumidores, é o sujeito que é transformado em objeto do consumo. Nesta vertente, ninguém pode se tornar sujeito sem antes ter sido mercadoria. Bauman (2008)¹⁷ articula que, nesta sociedade, há a Cultura do Lixo, pois os produtos devem ser usados e descartados rapidamente. Logo, o sujeito deve estar à procura de outro produto melhor, novo e aperfeiçoado e, os produtos velhos, descartados rapidamente.

É indispensável a substituição de mercadorias velhas por novas, principalmente se os objetos velhos causarem insatisfação. Nas palavras de Bauman (2008)¹⁷, “a sociedade de consumidores desvaloriza a durabilidade, igualando ‘velho’ a ‘defasado’, impróprio para continuar sendo utilizado e destinado à lata de lixo”. O capitalismo almeja que cada vez mais as pessoas estejam sempre consumindo constantemente.

Contudo, a subjetividade na sociedade de consumidores é baseada em compras e nas suas variadas opções. A alegria consiste em adquirir produtos, ou seja, nas compras. Ao contrário, Bauman (2008)¹⁷ menciona que existem efeitos colaterais nessa sociedade que consiste em uma alta probabilidade de frustração, remorso e até dor. Mesmo assim, é indispensável que exista uma frustração dos desejos para haver a demanda de consumo. Neste percurso, as lojas são um alívio de dores e ansiedade¹⁷.

Na busca pela satisfação dos desejos, surgirão necessidades e vontades novas, conforme Bauman (2008)¹⁷, “a sociedade de consumo prospera enquanto consegue tornar *perpétua a não-satisfação* de seus membros (e assim, em seus próprios termos, a infelicidade deles)”. É necessário que essa sociedade consumista nunca satisfaça as necessidades das pessoas, porque senão ela iria à falência.

Nesta direção, ainda com Bauman (2008)¹⁷, as relações de relacionamentos duradouras e boas exigem um esforço enorme, o que se opõe à busca de prazer por meio de objetos de mercadorias. De acordo com que surgem necessidades novas devem também surgir mercadorias. Os bens valiosos na sociedade do consumismo perdem sua atração e são rapidamente depositados no lixo. A vida consiste na pressa. A pressa é o impulso de adquirir e juntar mercadoria, como também a necessidade de descartá-las e substituí-las, quando já não são mais necessárias¹⁷.

Como decorrência do exagerado consumismo, a felicidade deve ser paga. Nesta linha de raciocínio, o valor característico da sociedade de consumidores é, sem dúvida, a promessa de uma vida feliz. É fantástico como a sociedade de consumo possui a promessa de

satisfazer os desejos humanos. As promessas devem ser atraentes e cativantes. De fato, a sociedade de consumidores preza o excesso e o desperdício. As coisas necessitam ser jogadas fora, a fim de abrirem espaços para as novas¹⁷.

Sem dúvida, a contemporaneidade é um ambiente líquido-moderno, devido à predominância do enfraquecimento dos vínculos humanos e a grande ênfase na individualização²⁰. O consumidor nunca tem o bastante e precisa sempre de mais. O que é notável é que a sociedade consumista exerce sua influência desde a infância do sujeito, dirigindo e modificando a individualidade.

No que tange à caracterização dos vínculos estabelecidos na sociedade de consumidores, são frágeis e leves, haja vista que o consumismo é uma atividade solitária e não emerge de vínculos duradouros¹⁷. Na sociedade de consumidores, a perfeição é uma qualidade coletiva da massa. As necessidades não podem ter fim, devem ser insaciáveis.

Tal ponto de vista discutido por Bauman (2008)¹⁷ na sociedade de consumidores, o consumismo excessivo é sinal de sucesso, uma estrada que conduz ao aplauso, público e fama e, dentro da qual possuir certos objetos tem uma condição necessária para a felicidade. A alegria compreende a aquisição de poder comprar constantemente. Os sujeitos devem estar sempre em movimento, a vida dos consumidores não deve se estagnar em aquisição, mas em comprar, desfrutar e jogar fora¹⁷. Convém citar ainda as seguintes opiniões de Bauman (2007)²⁰, segundo as quais necessário é viver para sobreviver e obter o máximo de satisfação. A vida é constituída em obter prazer pelo consumo. Qualquer objeto que cause insatisfação deve ser imediatamente descartado.

A população idosa tem crescido acentuadamente em relação ao consumo. As estratégias de *marketing* através das propagandas, promoção de vendas e da mídia têm fomentado o desejo nessa população de consumir cada vez mais¹⁹. Notamos que no discurso capitalista que a mídia tem imposto novas formas de se viver a velhice. De maneira que, a mídia supervaloriza a juventude, através do aumento da oferta de serviços que preconiza a beleza e juventude eterna, como as tecnologias que corrigem as imperfeições do corpo²¹.

Na contemporaneidade, o mercado é altamente chamativo para cumprir os objetivos do capitalismo, pelo desejo desmedido de comprar. Evidentemente, devido ao ritmo capitalista da vida moderna, surgem manifestações que podemos nomear de novos sintomas. Neste sentido, essas manifestações que ocorrem geram um mal-estar no sujeito.

Por esta razão, os idosos são impulsionados a encontrar nas lojas soluções para os problemas e alívio para as dores e desamparo. Buaes (2008)¹⁹ afirma que a capacidade de consumir produz mudanças no modo como o sujeito constrói as suas relações e em como ele se percebe. A sociedade de consumo consegue fazer com que a insatisfação seja sempre constante. Esta é a sua finalidade: garantir que toda promessa seja

enganosa, haja vista que, sem a frustração dos desejos e vontades, o consumo iria ao extremo fracasso. É indispensável que surjam sempre outros desejos novos¹⁷.

É importante destacar que a grande maioria dos idosos não consome, pelos seguintes motivos: nem todos possuem condições financeiras para adquirir cada vez mais produtos e descartá-los, acompanhando o ritmo do consumismo. Por conseguinte, nem todos possuem saúde para satisfazer-se com os bens consumíveis. Assim sendo, muitos idosos são abandonados nos asilos, outros estão em cima de uma cama enfermos, sendo eliminada qualquer possibilidade de gozar com a lógica do capital.

4. CONCLUSÃO

Em vias de conclusão deste trabalho, destacamos que a imagem da velhice não é valorizada culturalmente, pois não traz perspectivas de novas acumulações de bens consumíveis, mas define-se como momento de despojamento dos orgulhos que caracterizam a juventude. Na velhice, o corpo aparece como uma realidade não condizente com a imagem idealizado do corpo perfeito propalada pela sociedade. Deste modo, histórias de desprezo e de abandono são constantes e não raras no processo social.

A pesquisa realizada e os resultados obtidos apresentam a sociedade como a responsável pela segregação dos idosos – assim como o é de outros grupos humanos –, sustentando com preconceitos e estigmas as práticas segregacionistas. Para a sociedade consumista, a velhice aparece como uma espécie de segredo vergonhoso, do qual não se pode falar. Na realidade social, deparamo-nos com uma total inaptidão em receber o cidadão fora da lógica consumista preconizada pelo capital. Assim, a sociedade consumista é totalmente individualista, competitiva e egoísta, transformando os sujeitos, por meio dos produtos, em apenas objetos que devem consumir a qualquer preço a fim de satisfazerem suas vontades e insatisfações.

Conclui-se, então, que este trabalho, expõe a subjetividade que tem sido massacrada pelo consumismo. Assim sendo, na contemporaneidade, a sociedade consumista pode ser caracterizada como a cultura do lixo. Na cultura do lixo tudo é descartado rapidamente, assim como as pessoas e as relações. Efetivamente, é necessário refletir sobre o consumismo e a população idosa, visando à sua melhor integração individual e social em uma sociedade mais justa e humana.

Finalmente, de acordo com, este estudo, enfatizamos que as marcas do envelhecimento e a subjetividade são inscritas em cada sujeito de forma peculiar. A velhice é um destino a ser traçado por cada um. O acolhimento ao idoso recupera as imagens positivas de si mesmo que foram perdidas e é capaz de operar transformações na forma de a sociedade ver a si mesma.

REFERÊNCIAS

- [1] Monteiro MP. O tempo foracluído da psicanálise. In: O tempo da psicanálise. Salvador: Cógito, 2011; 12:41-46. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1519-94792011000100008&script=sci_arttext Acesso em: 10 de fev. 2014.
- [2] Messy J. A pessoa idosa não existe. São Paulo: Aleph, 1999.
- [3] Damasceno TG. O peso da velhice: entre o discurso e a ação. Revista Espaço Acadêmico, n° 157, junho, 2014, p.1-14. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/22715> Acesso em: 05 de jul. 2016.
- [4] Kamkhagi, D. Psicanálise e velhice: sobre a clínica do envelhecer. São Paulo: Via Lettera, 2008.
- [5] Beauvoir S. A velhice. Tradução de Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- [6] Mucida, Â. Escrita de uma memória que não se apaga – envelhecimento e velhice. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- [7] Goldfarb DC. Corpo, tempo e envelhecimento. Casa do psicólogo, 1998; 90p.
- [8] Mucida Â. O sujeito não envelhece: psicanálise e velhice 2° ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- [9] Bianchi H. Eu e o tempo: psicanálise do tempo e do envelhecimento. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1993.
- [10] Lacan J (1969-1970). O avesso da psicanálise. O seminário, livro 17. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1992.
- [11] Costa-Rosa A. Atenção Psicossocial além da Reforma Psiquiátrica: Contribuições a uma Clínica Crítica dos processos de subjetivação na Saúde Coletiva. São Paulo. Editora: Unesp, 2013, 337p.
- [12] Longo JL, D'Agord MRL. O saber no lugar da verdade e a verdade como o saber a mais. 2012. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/108734/000901442.pdf?sequence=1> Acesso em: 05 de jun. 2016.
- [13] Coelho CMS. Psicanálise e laço social – uma leitura do Seminário 17. Mental - ano IV - n. 6 - Barbacena - jun. 2006; 107-121. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272006000100009 Acesso em: 10 de dez. 2016.
- [14] Alberti S. O Discurso Universitário. 2009. Disponível em: <https://www.uva.br/trivium/edicao1/artigos/11-o-discurso-universitario.pdf> Acesso em: 05 de jan. 2017.
- [15] Neto FK. O conflito entre psicanalistas e sua ocasional falência da queda fálica. Tempo Psicanalítico. Rio de Janeiro, 2014; 46(1):64-80.
- [16] Castro, J. E. de. Considerações sobre a escrita Lacanina dos Discursos. Ágora (Rio de Janeiro) v. XII n. 2 jul/dez 2009; 245-258. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982009000200006 Acesso em: 19 de jan. 2017.
- [17] Bauman, Z. Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2008, 199p.
- [18] Bolguese, M. S. de M. Dualidade pulsional: vida, morte e o horror de envelhecer. In: Psicanálise em trabalho. São Paulo: Escuta, 2012; 97-109.
- [19] Buaes CS. Velhos consumidores, novos (super) endividados? Impactos do crédito consignado. In: Envelhecimento e subjetividade: desafios para uma

- cultura de compromisso social. Conselho Federal de Psicologia, Brasília, 2008; 163-174.
- [20] Bauman Z. Vida líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2007; 151p.
- [21] Felipe TWSS, Souza SMN. A construção da categoria velhice e seus significados. Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP. Macapá, 2014; 7(2):19-33. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/pracs/article/view/1384/thayzav7n2.pdf> Acesso em: 23 de jan. 2017.